

Amados irmãos, amadas irmãs,

em 1971 o ex-Beatle John Lennon gravava e lançava seu disco *Imagine* (imagine) cuja primeira música, também chamada *Imagine*, diz: “Você pode dizer que eu sou um sonhador. Mas eu não sou o único. Espero que um dia você junte-se a nós. E o mundo será como um só. Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz”¹. Naquele momento, o mundo estava no meio da guerra fria onde Estados Unidos e a União Soviética – URSS – ameaçavam-se com bombas nucleares quase que diariamente. Se houvesse uma guerra nuclear, certamente a vida humana, animal e vegetal seriam extintas do planeta. John Lennon foi assassinado em 08 de Dezembro de 1980. **Em um mundo violento, quem é contra a violência, é assassinado.**

O clamor pela paz não aparecia apenas em músicas. Também cientistas e pensadores estavam preocupados com o futuro da humanidade. Carl Sagan, um astrofísico norte-americano, diz no seu livro *Cosmos* que também se tornou uma premiada série de televisão: “Toda pessoa pensante teme uma guerra nuclear e todo Estado tecnológico tem planos para ela. Todos sabem a loucura que ela representa e toda nação tem um pretexto para ela”². Ele diz também: “Na nona década do século XX os mísseis estratégicos e os bombardeios da União Soviética e dos Estados Unidos têm como alvo de suas ogivas 15 mil pontos designados. Nenhum lugar do planeta é seguro”³.

Aparentemente, a ameaça nuclear foi superada. Porém, as ameaças à paz deixaram de ser globais e passaram a estar ainda mais no nível local e individual. Vemos constantemente a violência nas ruas quando pessoas são assaltadas e mortas; também dentro das casas onde maridos batem em suas esposas; no trabalho onde pessoas enfrentam assédio moral; as mulheres que são abusadas; na cultura do linchamento que não conhece o que é justiça.

¹ LENNON, John. **Imagine**. Londres: Apple Records, p1971. Disco sonoro. Lado A. Faixa 1. 3:03 min. 33 1/3 rpm. Stéreo. 12 pol. Tradução própria.

² SAGAN, Carl. **Cosmos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 402.

³ SAGAN, 2017. p. 403.

Miquéias – profeta do Senhor – também vive em um contexto em que não há paz. Miquéias, porém, não está falando da paz nos moldes do mundo atual. A paz bíblica não significa apenas a ausência de guerra. Ao contrário, o termo hebraico *Shalom*

quer dizer “estar completo”, “estar são”, “estar bem em todos os sentidos”. Ela tem um sentido social e religioso. Não se trata apenas da ausência de guerras e conflitos entre as pessoas, mas também da reconciliação com Deus, que possibilita a paz com os nossos semelhantes. É uma paz com justiça, que gera total satisfação pessoal e coletiva.⁴

Esta ausência de *Shalom* não era uma ausência de paz no sentido de haver muitas guerras, violência ou ódio. Ao contrário, a ausência do *Shalom* em Israel significava que o povo não possuía segurança nenhuma em sua vida. *Shalom* era a possibilidade das pessoas possuírem tranquilidade, segurança, integridade física ou saúde, segurança alimentar, bem-estar, convivência social harmoniosa⁵. Portanto, *Shalom* não era apenas a ausência de guerras, mas a ausência de tudo aquilo que possibilitava uma vida com dignidade.

Muitos intérpretes da Bíblia chamam Miquéias de “o profeta agricultor”. Diferente de outros profetas, “Miquéias provinha de um meio rural e por isso conhecia muito bem as amarguras dos homens do campo humilde, submetido à exploração que vinha da capital Jerusalém e à prepotência dos grandes proprietários rurais”⁶. Miquéias – em sua profecia – faz uma crítica ao Estado e à sociedade da sua época em que a ordem econômica arruinava os pequenos agricultores através da prática do endividamento⁷. Não havia como haver *Shalom* no meio do povo de Deus porque o próprio povo de Deus estava passando por necessidades e ainda sustentando aqueles que se encontravam no poder.

Por isso, Miquéias poderia ser chamado de “o profeta do interior” que faz uma grande crítica à cidade grande por ser um símbolo de exploração, de pobreza e de violência. Enquanto muitos elogiavam Jerusalém, Miquéias a vê como uma cidade que se perdeu do amor de Deus e que, por causa disso, explora irresponsavelmente os proprietários rurais que a sustentam. É neste mundo, sem *Shalom*, que Miquéias viveu.

⁴ DREFREYN, Vanderlei. “Vigília do Natal”. in: HOEFELMANN, Verner; MÜLLER DA SILVA, João Artur (Coords.). **Proclamar Libertação**. vol. 27. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 30.

⁵ Cf. KILPP, Nelson. “Estamos numa espera passiva?” in: HOEFELMANN, Verner (Coord.). **Proclamar Libertação**. vol. 46. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2021. p. 28-29.

⁶ DREFREYN, 2001. p. 29.

⁷ Cf. SANTANA FILHO, Manoel B. de. “4º Domingo de Advento”. in: VOLKMANN, Martin (Coord.). **Proclamar Libertação**. vol. 34. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 31.

A população está desesperada. Porém, a grande verdade é que todos se afastaram da presença de Deus, adorando e confiando nos deuses dos povos vizinhos. Se tem algo que destrói o nosso relacionamento com Deus, a nossa vida e acaba com a nossa paz, é a idolatria. Ela sempre foi um problema recorrente na história do povo de Deus no Antigo Testamento. A idolatria sempre foi uma fonte de desgraça para o povo. Agora, não é diferente. Estão desesperados porque não sabem mais como retornar ao Deus vivo.

Miquéias expressa esse desespero um pouco antes do texto previsto para hoje. O profeta fala da angústia do povo usando três vezes a palavra **agora**:

- *“Agora, por que você está gritando tão alto? Será porque você não tem rei? Morreram os seus conselheiros? Apoderou-se de você a dor como da mulher que está dando à luz?”* (Miquéias 4.9);
- *“Agora, muitas nações se reuniram contra você, dizendo: “Que Jerusalém seja profanada! Que os nossos olhos se deliciem com a ruína de Sião!”* (Miquéias 4.11);
- *“Agora, ajuntem-se em tropas, ó filha de tropas, porque fomos sitiados, e ferirão com uma vara a face do juiz de Israel.”* (Miquéias 5.1).

Os três “*agoras*” de Miquéias revelam a situação em que o povo se encontrava: o **primeiro** revela que eles se sentem órfãos quanto às suas autoridades. Há governo, mas é como se não houvesse; o **segundo**, que as nações já estão vendo a decadência de Jerusalém e planejando atacá-la; o **terceiro**, quando o povo de Deus em Samaria foi cercado para depois ser deportado para a Assíria. Diante dos “*agoras*” de Miquéias, poderíamos perguntar: *e agora?*

Então, surge a promessa de um Messias, o Salvador. Miquéias anuncia através do profeta que virá alguém que “*será a nossa paz*” (Miquéias 5.5a → וְהָיָה זֶה שְׁלוֹם *vəhâyâh zeh Shâlom*). De Belém-Efrata virá o Messias que apascentará o povo na força do Senhor, promovendo a paz. E o que aconteceu? Vem, então, Ezequias, um rei temente ao Senhor. Ezequias foi um dos reis mais elogiados: “*Ezequias fez o que era reto aos olhos do Senhor, segundo tudo o que Davi, seu pai, havia feito*” (2 Crônicas 29.2); Ezequias promoveu uma restauração do Templo, retirando dele tudo o que não agradava a Deus (cf. 2 Crônicas 29.4-6). Ezequias fez, inclusive, uma aliança com o Senhor para que a ira de Deus se afastasse do povo (cf. 2 Crônicas 29.10).

De fato, o governo de Ezequias foi excelente. Além de rei, foi um líder espiritual para o seu povo. Se lermos todo o capítulo 28 de 2 Crônicas, perceberemos a diferença entre Ezequias enquanto servo do Senhor e Acáz que foi um rei profundamente idólatra. Com Ezequias, o povo de Judá experimentou um pouco do *Shalom*. Porém, embora Ezequias tivesse sido muito elogiado, ele não era o Messias. O próprio profeta Isaías reconhece que Ezequias não será capaz de salvar o povo afastado de Deus da desgraça iminente. A Palavra de Deus nos diz: *“Então Isaías disse a Ezequias: – Ouça a palavra do Senhor dos Exércitos: “Eis que virão dias em que tudo o que houver no seu palácio, isto é, tudo o que os seus pais ajuntaram até o dia de hoje, será levado para a Babilônia; não ficará coisa alguma, diz o Senhor”* (Isaías 39.5-6). *“Então Ezequias disse a Isaías: – Boa é a palavra do Senhor que você valou. Pois ele pensava assim: “Enquanto eu viver haverá paz e segurança”* (Isaías 39.8).

Ezequias, mesmo sendo alguém temente a Deus, estava erroneamente considerando a si mesmo um Messias. Por isso, o profeta Isaías trouxe a ele a palavra do Senhor para que ele percebesse em que engano se encontrava, mesmo andando nos caminhos do Senhor. Aliás, este é um grande perigo: quando consideramos que apenas um governante poderá ser *Messias* e nos salvar de alguma coisa. Miquéias e Isaías estão nos dizendo que Ezequias até poderia ser um rei temente a Deus, mas que ele não seria responsável por trazer paz e segurança – ou seja, *Shalom* – ao povo. O Messias virá, mas ele não é Ezequias e nenhum outro governante, seja do passado, do presente ou do futuro.

Mas, então, quem é o Messias? De quem Miquéias estava falando? Miquéias falava daquele que nasceu em Belém: *“E você, Belém-Efrata, que é pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de você me sairá aquele que há de reinar em Israel e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”* (Miquéias 5.2). O povo acreditou que a profecia se cumpriu em Ezequias e que em seu reinado nenhum mal lhes iria acometer; porém, **o Messias não é Ezequias, mas Jesus, que no tempo certo nasceu na cidade de Belém**, assim como profetizado tantos anos antes por Miquéias. É Jesus quem existe desde os dias da eternidade. João 1.2-3 nos diz sobre Jesus: *“Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.”* O Messias anunciado por Miquéias não é nenhum governante terreno, mas o próprio Senhor Jesus. O Messias não vai vir da grande e pomposa Jerusalém, mas irá nascer na pequena e insignificante Belém, a cidade de Davi.

A descrição de que o Messias é Jesus se torna ainda mais clara na continuidade do texto: “Portanto, o Senhor os entregará até o tempo em que a que está em dores tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel. Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor, seu Deus” (Miquéias 5.3-5). É Jesus quem nasceu das dores de Maria (cf. Lucas 2.6); é Jesus quem se manteve firme ao não cometer nenhum pecado (cf. 2 Co 5.21); Jesus é o Bom Pastor que deu a vida pelas suas ovelhas (cf. João 10.11); é Jesus quem ressuscitou em majestade, desejando a paz (cf. Lucas 24.36), tendo o nome sobre todo nome (cf. Filipenses 2.10-11). Jesus é o príncipe da paz (cf. Isaías 9.6).⁸

Em Miquéias, o povo de Deus possuía apenas a promessa da vinda do Messias. A promessa não eliminou a necessidade de ter que passassem pelo juízo de Deus para que fossem purificados de seus pecados. O Reino do Norte, Israel, foi levado à Assíria e nunca mais retornou; o Reino do Sul, Judá, foi levado à Babilônia onde permaneceu por 70 anos até retornar. Deus não poderia simplesmente inocentar a corrupção do seu povo (cf. Miquéias 6.11). Não havia piedosos em Israel (cf. Miquéias 7.2). A situação era tão dramática que ninguém deveria confiar em ninguém (cf. Miquéias 7.5-6), mas tão somente na espera pela salvação do Senhor (cf. Miquéias 7.7).

O próprio Deus quer perdoar ao seu povo. Não há ninguém semelhante ao Senhor nesse sentido (cf. Miquéias 7.18). A intenção do coração de Deus não é castigar, mas perdoar. Onde Deus realizou esse perdão? Naquele que no tempo certo nasceu das dores de Maria na cidade de Belém: Jesus Cristo. Nele, todas as promessas proferidas por Miquéias foram cumpridas. Ele morreu na cruz, assumindo o nosso pecado para que fôssemos inocentados. Na cruz, ele assume a nossa injustiça para nos doar a sua justiça, ou seja, para que fôssemos justificados – tornados justos. A ira do Senhor recai sobre o seu próprio Filho – o Messias – para que nós possamos ser poupados do seu castigo. Nossos pecados foram jogados em Jesus. No verdadeiro Messias somos novas criaturas. Jesus Cristo é o Messias por ele ser “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1.29), uma função que Ezequias ou qualquer outra autoridade deste mundo não poderia cumprir, mas que se realizou e se consumou de uma vez por todas na obra de cruz.

⁸ Ao estudar o texto de Miquéias 5.2-5a, assustei-me ao ver o quanto muitos intérpretes bíblicos têm medo de afirmar a relação entre o Messias prometido por Miquéias e o Messias nascido em Belém, Jesus, uma vez que a relação é *óbvia*.

Amados irmãos, amadas irmãs,

o Messias é só Jesus. Apenas Jesus pode nos conceder o verdadeiro *Shalom*. Não deveríamos esperar paz e segurança de nenhum outro. Ezequias não era o messias, pois o messias é Jesus. Da mesma forma, cuidemos em quem estamos colocando a nossa esperança de salvação. Não depositemos a nossa esperança nas autoridades deste mundo, sejam elas quem forem. Ninguém deste mundo poderá ser um messias definitivo que salvará o nosso país de todos os seus problemas. Esteja atento a isso!

A partir do *Shalom* doado a nós pelo Messias Jesus Cristo, recebemos três implicações práticas para o nosso dia a dia no mundo:

- 1) **Miquéias 6.8:** *“Ele já mostrou a você o que é bom; e o que o Senhor pede de você? Que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com o seu Deus.”* Deus espera que pratiquemos a justiça, amemos a misericórdia e que não façamos isso para engrandecimento próprio, mas em humildade diante do Senhor. Portanto, que a corrupção esteja longe de nós; que o *“olho por olho e dente por dente”* não faça parte do nosso discurso, pois isso não combina com a fé cristã; que a prepotência saia e dê lugar a um coração humilde onde há espaço para Deus morar;
- 2) **Miquéias 7.18-19:** *“Quem é semelhante a ti, ó Deus, que perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão do remanescente da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Ele voltará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar.”* Assim como Deus foi conosco, tenhamos atitudes de perdão para com as outras pessoas, de misericórdia mesmo para aqueles que achamos que não a merecem, pois também nós não merecemos a misericórdia de Deus;
- 3) **Miquéias 5.5a:** *“Ele será a nossa paz.”* Que Jesus seja o nosso *Shalom*. A paz de Deus não significa ausência de guerra e sofrimento, mas a presença de Deus no meio da guerra e do sofrimento. Portanto, sejamos verdadeiros pacificadores. Buscar a paz é um caminho de felicidade, pois Jesus disse: *“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”* (Mateus 5.9).

Tenhamos uma semana de natal com muita esperança e com o verdadeiro *Shalom* que só existe em Jesus, nosso Messias, Senhor e Salvador. Amém.

REFERÊNCIAS

DREFREYN, Vanderlei. “**Vigília do Natal**”. in: HOEFELMANN, Verner; MÜLLER DA SILVA, João Artur (Coords.). **Proclamar Liberdade**. vol. 27. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 30.

KILPP, Nelson. “**Estamos numa espera passiva?**” in: HOEFELMANN, Verner (Coord.). **Proclamar Liberdade**. vol. 46. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2021. p. 28-29.

LENNON, John. **Imagine**. Londres: Apple Records, 1971. Disco sonoro. Lado A. Faixa 1. 3:03 min. 33 1/3 rpm. Sterero. 12 pol.

SAGAN, Carl. **Cosmos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SANTANA FILHO, Manoel B. de. “**4º Domingo de Advento**”. in: VOLKMANN, Martin (Coord.). **Proclamar Liberdade**. vol. 34. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 31.

APÊNCIDE 1: Resumo do livro de Miquéias

P. William Felipe Zacarias – 16/12/2021

A Palavra do Senhor vem a Miquéias que é do Reino do Sul – Judá. Porém, sua Palavra é dirigida também a Israel (1.1). Deus mesmo, do seu santo templo, testemunha contra o seu povo (1.2). Tanto Samaria quanto Jerusalém serão tornados em apenas um monturo de pedras (1.6; 3.12; 6.16). As imagens de escultura serão queimadas e tornadas em ruína (1.7). O próprio Senhor lamenta e chora por causa do seu povo (1.8). Porém, é necessário que o próprio Senhor faça o mal chegar às portas de Jerusalém (1.12), levando os filhos do povo ao cativeiro (1.16). Contra o Senhor, atuam os falsos profetas que amenizam a desgraça eminente (2.6-7). Os profetas falam de paz (Shalom = vida plena) sem que o povo tenha o que comer (3.5). Também os videntes serão envergonhados (3.7). O verdadeiro profeta Miquéias, porém, está cheio do Senhor para declarar a Israel o seu pecado (3.8). O Senhor reunirá novamente o remanescente de Israel (2.12) com um Rei adiante deles (2.13). Infelizmente, os governantes arrancam a pele e quebram os ossos da população por causa da injustiça (3.1-3). Contudo, um dia virá a paz (4.3-4). Dos fracos, mancos e coxos (הַצִּלְעָה – hatsoleah) Deus irá levantar um remanescente, uma nação poderosa (4.6-7). Agora, o povo grita alto (4.9); agora, as nações se reuniram contra o povo de Deus (4.11), agora, os inimigos ferirão com uma vara a face do juiz de Israel (5.1). Então, de Belém-Efrata virá o Messias que apascentará o povo na força do Senhor, promovendo a paz (5.1-5). Por fim, o remanescente do povo de Deus estará no meio de muitos povos (5.7-8). As vãs superstições serão arrancadas do meio do povo (5.12), bem como a idolatria (5.13). O que Deus quer de seu povo? “Que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com o seu Deus” (6.8). Deus não pode inocentar a corrupção (6.11). Não há piedosos em Israel (7.2). Por isso, ninguém deve confiar em ninguém (7.5-6). Só resta ao profeta esperar pela salvação do Senhor (7.7). Os povos inimigos não devem rir de Israel, pois Israel sofrerá a ira de Deus para que seja reconduzido à luz (7.8-19). O próprio Senhor apascentará o seu povo (7.14). Ninguém é semelhante ao Senhor (7.18), pois “O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Ele voltará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar” (7.18-19). O Senhor será fiel, como foi aos antepassados (7.20).

APÊNCIDE 2: Comparação de temas da perícopes em diferentes edições do Proclamar Libertação

P. William Felipe Zacarias – 16/12/2021

Tema	PL 27 – Vanderlei Defreyn	PL 29 – Haroldo Reimer	PL 34 – Manuel Filho	PL 46 – Nelson Kilpp
Messias/ governante/ governo	<p>“O poder de Deus é enfatizado ao contrário das expectativas humanas. O “grupo de milhares de Judá” refere-se a uma forma de organização pré-monarquia (uma subdivisão das tribos). “O que há de reinar” traz consigo a crítica contra os que reinam no momento. “E cujas origens são desde os tempos antigos” é controverso. Poder ser uma alusão à efemeridade dos reis que aí estão em contraste com os planos de Deus, que já desde o início do mundo tem preparado um rei. Pode ser também uma compreensão de um tempo antes de Davi, cujo reinado representa uma era fundante, diferente da era atual.” (p. 30).</p>	<p>“Na expressão “de ti me sairá” deve-se entender o “me” como relacionado a Deus-Yahveh, embora em 5.3 (BHS: 5.2) se fale de Deus na terceira pessoa. Para Deus é que sairá o novo governante. Não se deve estranhar essa referência, pois a ligação Deus-governante pode ser verificada em outros textos (1 Sm 16.1).” (p. 23).</p>	<p>“De fato, Ezequias é muito elogiado (2Cr 28). Mas não era o Messias, e o próprio Isaías irá reconhecer isso.” (p. 34).</p>	<p>“Após o fim da dinastia davídica, em 587 a. C., a história política do povo recomeça no mesmo lugar, só que com outros parâmetros. O novo escolhido de Deus (<i>de ti me sairá</i>) não será “rei” nos moldes conhecidos; evita-se esse termo. O vocábulo usado – “governante” – é (intencionalmente?) genérico demais para sugerir uma modalidade específica de governo, mas preserva uma crítica à dinastia davídica.” (p. 29).</p>
Shalom	<p>“quer dizer “estar completo”, “estar são”, “estar bem em todos os sentidos”. Ela tem um sentido social e religioso. Não se trata apenas da ausência de guerras e conflitos entre as pessoas, mas também da reconciliação com Deus, que possibilita a paz com os nossos semelhantes. É uma paz com justiça, que gera total satisfação pessoal e coletiva.” (p. 30).</p>	<p><i>Não menciona</i></p>	<p>“Em Jesus temos o rei, o amor, o perdão, a alegria e a paz. Mas é preciso ir a Belém.” (p. 36).</p>	<p>“É isso que se esperava de um monarca. Tudo isso – tranquilidade, segurança, integridade física ou saúde, segurança alimentar ou bem-estar, convivência social harmoniosa, felicidade – a língua hebraica pode condensar numa única palavra: <i>shalom</i>.” (p. 28-29).</p>

Profeta agricultor	“Miquéias provinha de um meio rural e por isso conhecia muito bem as amarguras dos homens do campo humilde, submetido à exploração que vinha da capital Jerusalém e à prepotência dos grandes proprietários rurais.” (p. 29).	<i>Não menciona</i>	“As palavras de desgraça (Mq 1-3 e 6.1-7.7) constituem uma crítica maciça ao Estado e à sociedade que enfrenta sem tolerância a ordem econômica que arruinava os pequenos agricultores no período médio do reinado e no início da época pós-exílica. Os agricultores estavam sendo liquidados pela prática sistemática e inescrupulosa do endividamento.” (p. 31).	<i>Não menciona</i>
Belém	“O fato de o Messias vir de Belém, cidade insignificante, revela a preferência de Deus pelo contrário da fortuna e grandeza humanas. É uma crítica à prepotência dos que governam a partir da capital Jerusalém e revela uma amargura em relação aos poderosos.” (p. 30).	“A esperança por um novo governante provém da periferia. A associação com a tradição davídica é inegável, embora não se faça menção do nome de Davi. Da pequena Belém sairá aquele que será grande.” (p. 23).	“A palavra Belém quer dizer: “Casa do pão”. Não há nome mais apropriado. Jesus é o pão da vida, o alimento que todos precisam para não mais sentir fome. Ele preenche o nosso vazio (...). Vá até Belém. Vá até Jesus.” (p. 36).	“A insignificante aldeia de Belém, fundada pelo pequeno clã dos efratitas, a cerca de 9 km ao sul de Jerusalém, é a aldeia natal da família do rei Davi. Jessé, pai de Davi, é efratitas de Belém (1 Sm 17.12).” (p. 28).
E agora...	<i>Não menciona</i>	“Comum a todos os três ditos é que são dirigidos a figuras femininas mencionadas na forma singular: “filha de Sião” em 4.10, 13 e “filha do flagelo” (alemão: <i>Tochter der Ritzung</i>) em 4.14 (leitura preferível em lugar de “filha de tropas” – almeida). Os três ditos tratam de um “tempo-agora” e de sua ruptura ou transformação.” (p. 22). “Em relação a essa situação de dor e perda neste tempo “agora” da desgraça exílica ou pós-exílica, anuncia-se a vinda de um novo governante.” (p. 23).	<i>Não menciona</i>	<i>Não menciona</i>